



O Gaiato

Visado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES



ANO XVI—N.º 426—Preço 1\$00
9 DE JULHO DE 1960

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

A longa carta, datada de Setembro de 25, que temos vindo a transcrever nos últimos números, alude, no final, à passagem para o Seminário do Porto, «para fugir ao Grego e Hebraico a que obrigam as constituições monásticas».

Ao que parece, na altura não estava ainda decidida a saída da Ordem Franciscana para o clero secular. Mas, carta de 11 do mesmo mês é ano, escrita de S. Miguel de Paredes, paróquia do seu irmão Padre José Monteiro de Aguiar, revela já certa probabilidade dessa resolução:

«Sobre esse pecúlio que ali tenho, como venho fazer os estudos cá fora à minha custa, tornaram-me a dar um cheque e em tempos passei no Creditor 4% porque de tudo preciso pela razão de que muito dei a indigentes do que, aliás, não estou nada arrependido e conto dar muito mais, sobretudo se me ordenar Sacerdote Secular».

FACETAS DUMA VIDA

Que esta transição o há-de ter feito sofrer muito, mostram os renovos tentativas de alguns amigos na intenção de o dissuadir da vida eclesiástica:

«Alvaro e quejandos têm vindo aqui fazer tudo para me demoverem dos meus intentos, mas as raízes já estão muito fundas e tenho a certeza de que Deus me não larga da mão porque o procurei em espírito de muita sinceridade».

O Amigo também não ficou certo do rumo tomado pelo Américo, depois de Setembro de 1925 e, surpreendido por largos meses de silêncio, deve ter perguntado por ele para S. Miguel de Paredes, pois figura na colecção das cartas esta de 1/3/26, em que P.e José informa que «o Américo está no Seminário de Coimbra, desde Outubro passado, e nesse Seminário acabará a formação, segundo julgo, pois que ele está satisfeitiíssimo e tem dado boas provas nos estudos. Este ano fará os dois exames de filosofia, segundo notícias que tenho de lá».

continua na página dois

Um Bilhar

Eu corroboro o pedido do Zêquita. Os senhores não se escandalizem, nem chamem luxo. É um grande grupo de eles que já gasta lâminas (só o ano que vem são 15 a dar o nome!); são os dias de descanso, às vezes tão difíceis de entreter, que até cansam; são — pior ainda! — os ditos dias, quando acontece chover; e é agora uma linda sala de estar e leitura, que queríamos não fosse perturbada pelo movimento do ping-pong que actualmente a ocupa e para o qual não falta outro lugar.

Era de uma vez, em casa de um grande Amigo rosso. Ele mostra-nos a cave: uma grande sala com bilhar, ping-pong e outras distrações. Ele previne-me como eu agora aqui:

«Não se admire! Quando os meus filhos foram para a Universidade começaram a entreter no Café, com os colegas, os momentos livres.

Arranjei-lhes esta sala... e passou o Café a ser aqui, mais e os amigos».

Ora eu é a mesma coisa. Gosto tanto de ter os meus rapazes cá por casa!... E onde por aí uma sala convidativa como a deles?!

Pois bem, o que é preciso é apetrechá-la.

Daí, a razão de fazer o meu pedido do bilhar e lembrar a conveniência de um Televisor.

ÁFRICA

Filhos criados, trabalhos dobrados. Por amor deles é que o Sr. P.e Carlos mai-lo Júlio foram a África. Que o Senhor abençoe os seus passos, e faça germinar a semente que agora é lançada à terra.



O nosso quarto mais parece a redacção de um jornal, na hora em que escrevo. É que sai hoje avião para a Metrópole e há que aproveitá-lo para que estas notícias possam sair no primeiro jornal de Julho.

Rogério brinca caladinho, frente à janela, de onde se vê a Baía e a Ilha de Luanda. Júlio escreve, também. Eu traço estas linhas, com o pensamento em todo o nosso mundo que deixámos na Metrópole.

A viagem foi ótima. Quase toda a manhã da chegada a passámos na cabine de comando, de modo que, um pouco mais de treino... e estavamos pilotos! Por esquecimento da tripulação, escapei ao «baptismo», tradicionalmente con-

ferido aos que passam o Equador a primeira vez.

Uma paragem apenas, para reabastecimento, a qual nos demorou mais uma hora, porque houve que substituir uma peça no avião. Foi em Kano, a capital da Nigéria, onde Pai Américo em 52, foi abordado por um mercador que lhe pediu escudos de Lisboa. Tem graça que também, agora, um dos que por ali vendem bugigangas folclóricas, se nos dirigiu e nos mostrou uma nota de 20\$ e algumas moedas novas, pedindo mais.

Após uma noite toda sobre África estrangeira, apesar de termos deixado poucas horas antes Portugal, não nos furtámos a um estremeamento,

quando o Comandante do Super-Constellation nos prevenia de que 4.000 metros, lá em baixo, já era Angola. O tempo quis ser gentil connosco. E as nuvens, que até então quase sempre nos tinham impedido largos horizontes, dissiparam-se e deixaram-nos acompanhar a estrada que de Lândana desce para o Sul até à Foz do Zaire, e depois continua de S.to António, sempre rentinha ao mar, até Luanda.

Antes de aterrarmos, o avião deu uma volta ao lado da cidade, a tomar posição para entrar na pista. Foi o primeiro contacto. Foi o primeiro espanto.

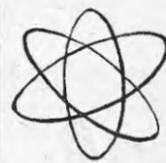
Quase a tocar na terra, passámos sobre o novo cemitério e sua capelinha, muito moderna e graciosa, e sobrevoámos um dos musseques, nome que aqui dão aos bairros indígenas.

Quem aterrar na Portela e não deixar prender os olhos às lindas residências da Avenida do Aeroporto e aos belos prédios de Alvalade, se souber onde ficam os numerosos «musseques» que há ali em volta, tem vistas bem mais alarmantes do que estas que se oferecem ao viajante que chega a Luanda.

Júlio acaba de me ler a sua crónica. Vejo que dá notícias de todos os nossos que aqui estão. Só um não vimos ainda o Delfim que foi do Lar do Ex-Pupilo. Os outros todos apareceram e têm-nos acompanhado com bastante dedicação. Ora esta nota é muito confortante, se nos lembrarmos que parte deles não nos conhecia e a outra mal nos conhecia. Apenas dois dos que aqui estão, vieram por nossa iniciativa, depois da morte de Pai Américo. Isto diz a força da Obra e a firmeza dos laços familiares que Ela criou. Não se trata, no caso, de afecto à pessoa, mas à Obra-Mãe cuja continuidade nós representamos.

E por isso, estes rapazes, quase todos razoavelmente instalados na vida, parte deles mais velhos do que eu, nos têm tratado com um carinho que eu não posso tomar para mim — é evidente — mas que recebo e guardo no meu coração, como um dom de grato e fiel

PATRIMONIO DOS POBRES



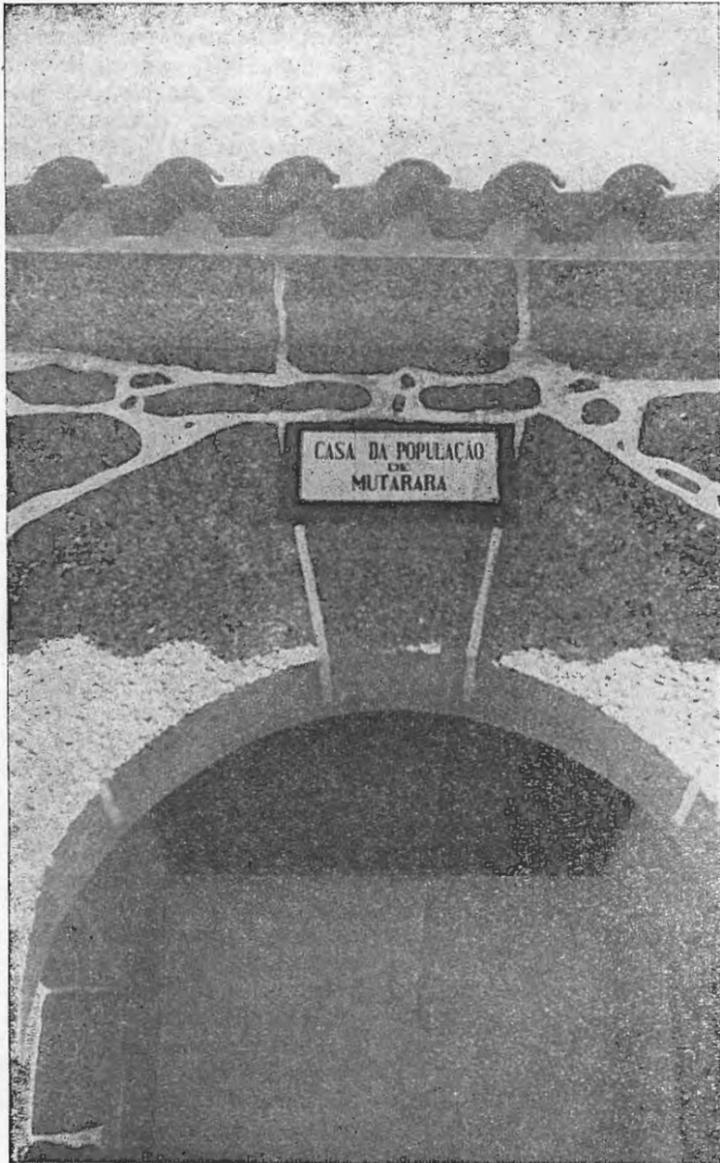
FACETAS DE UMA VIDA

continuação da página um

Foi de relâmpago a nossa última viagem ao Património. Caladinho de meio dia de sábado no estômago e partimos: a Opel, com Sardinha (que agora já quer ser o Senhor Carlos Manuel Trindade) ao volante e eu ao lado. A primeira etapa foi Figueiró dos Vinhos. Em frente da Igreja, encontramos P.e Saraiva e foi um abraço longo. Tomou logo a palavra da construção de casas na sua paróquia. Já lançou o pregão. Que os seus paroquianos o ouçam e lhe dêem a mão. Há por ali muita gente desabrigada.

Mais um salto até Cernache do Bonjardim. Vila embandeirada. Nessa altura chegava o Senhor Cardeal Patriarca e, pouco depois, esperava o Senhor Almirante Américo Tomás para as Festas Condestabrianas. O que ali me levou, foi ver um paralítico que, dois dias depois, seguiu radiante para o Calvário.

Outro salto a Vila de Rei. À nossa chegada foi uma bâtega de água. Há ali um chefe de família, pai de nove filhos e muito doente, que anda aflito por uma casinha. Espero que Deus o ouça e resolva dificuldades para que a casa suba depressa.



Recado aviado e rumo a Abrantes. Era fim da tarde quando chegámos. À noite, foi uma hora muito íntima de conversa com vicentinas e vicentinos da cidade. Há entusiasmo e amor. Passou por ali um Juiz que deixou fogo e a chama continua a queimar e aquecer corações. O grupo de casas airosas, já habitadas e tudo preparado para novo grupo, são provas evidentes. Dia seguinte, missa às 7 e às 8 e eis-nos por aí abaixo.

Em Gavião, continua a grande dificuldade de terreno, numa terra onde tantos o têm inculcto. Em Gáfete olhámos o grupo delas à entrada. Em Alpalhão

affecto a uma Obra de que já hoje não precisam, mas que eles não esquecem pelo bem que Ela lhes fez.

não parámos, pois sabemos do pároco muito zeloso. Também não pudemos parar no Crato, e em Alter do Chão só entrámos na Igreja.

Faltava um nadinha para as onze, quando chegámos à Igreja de Fronteira. À estação da Missa o Senhor Prior deu-nos a palavra. No fim, assistimos à reunião dos vicentinos. Vi boa vontade de trabalhar e partimos para Estremós, onde Padre Henrique nos esperava.

Eu gosto sempre de passar por Estremós. À graciosidade da cidade, veio dar encanto a beleza das casas dos Pobres. Padre Henrique estava aflito com o comportamento de duas famílias.

Novamente a caminho até Redondo. Ar de festa nas ruas. Muitos grupos à espera nos lar-

gos. Pouco depois chegou o Senhor Arcebispo de Évora. Tempos antes, o Prelado viera ali benzer as primeiras pedras e agora vinha abençoar e participar da alegria e das lágrimas das quatro famílias numerosas que nessa tarde tiveram uma casa cheia de luz, ar e conforto. Feita a entrega das casas, lançaram-se pedras para outras e, feitas estas, outras hão-de surgir até que cada família necessitada tenha a sua. Este foi o meu voto e a minha palavra de esperança na reunião que o Senhor Prior preparou na sociedade e que foi cheia de Doutrina e de Vida. Que o Senhor dê o incremento a tudo quanto foi dito e aos choques de alma que cada um apanhou.

Era já rentinho à noite, quando partimos e foi uma corrida longa até Setúbal. Padre Acílio ainda estava à nossa espera. Comemos uma sopinha e foi um sono até de manhã. Depois da Santa Missa, tomámos a estrada de Coimbra e tivemos de deixar a volta pela Costa do Sol para a primeira ocasião, talvez quando tivermos de encontrar por ali muita gente a gozar a vida, enquanto havemos de encontrar outros a sofrer, inocentemente, os seus pecados.

Padre Horácio

E Padre José terá passado recado ao irmão Américo, que toma a pena e escreve do Seminário de Coimbra, 4/3/26:

S.

Andava, já há tempos, para lhe pedir um postal que me desse novas da sua saúde, e uma carta de meu irmão apressa a minha ideia. Eu bem sei que v. tem sempre muito que fazer e em que pensar, por isso não lhe peço uma carta longa, como costuma fazer; bastam duas linhas em que me dê conta da sua saúde e se o Geréz lhe fez bem. Sobre a matéria daquela carta longa que certamente recebeu em Setembro do ano passado falaremos quando nos encontrarmos, o que decerto será aqui em Coimbra, no decurso deste tempo que por cá me demorei. Eu, na melhor das saúdes e dos espíritos. Se, por ventura, lhe puder ser útil para qualquer coisa, durante a minha demora aqui, mande, porque pelo menos durante o tempo de férias, que são sempre umas semanas no verão, além de uns dias pela Páscoa e Natal, eu posso dispor dos dias, mediante a minha vontade. Por isso aqui lhe deixo o meu oferecimento.

Sobre o meu pecúlio, pedia-lhe eu na última que contasse 4%, se isso não fosse abrir excepções, mas depois disso tive que sacar L 35; prejudiquei o pedido, não é verdade? Não estou arrependido. Tratava-se de um homem de bem, da minha terra, que escoregou, caiu e não encontrou ninguém que o levantasse, nem mesmo na família a que se juntou por casamento, sendo tudo gente de bens. Emprestei-lhe eu esse dinheiro para ele embarcar para o Brasil e sei já directamente que o homem se encontra em vias de restabelecer o nome e a fama, que os acidentes da vida lhe fizeram perder. Ainda que ele me não pague, a minha satisfação íntima é grande e isto vale mais do que o dinheiro.

Meu caro S., vivo em esperanças de o abraçar, desta vez em Portugal e de um longo passeio, quiçá até à sua terra, para ter ansejo de apreciar na sua companhia, um pouco da simplicidade de alma e costumes da gente feliz dos nossos povoados, aonde se vê ainda sentada nas soleiras das portas a divisa santa de — Paz e Bem —.

Não esqueça nunca o nome e sina do seu, muito do coração,
Américo».

A divisa franciscana de — Paz e Bem — continuará ainda por muito tempo, no seu uso frequente.

★ BELEM ★

Estimados leitores, ficou em atraso o feixe de notícias do número anterior que agora se completa:

x x x

Também este ano, as belenitas foram convidadas para assistir à récita anual, levada a efeito pela L. O. C. Eu não fui. Pois tive de ficar com os «pintalinhos», mas creiam que ainda me diverti mais depois, com a descrição que elas me vieram fazer da dita. Aqui têm os senhores uma amostra: «...Vai um homem muito pequenino, metese dentro de um caixote e de lá começa a ensinar à Mariana e ao pai dela o que haviam de dizer. Quando um tinha que parar, dava umas pancadinhas. Chamavam-na Mariana, mas ela era Alexandrina. E o pai não era a sério, era a fingir! O pai da Mariana estava doente e a filha deu-lhe um remédio. Ele fez uma grande careta... Mas, para que tomou aquilo, se não estava doente a sério?».

x x x

Há tempos, as belenitas receberam a visita dum grande grupo de filiados da M. P. F. do

Liceu e da Escola Comercial. Percorreram com elas toda a casa e deram uma volta pela quinta, até ao rio, que passa ao fundo, tirando algumas fotografias. O fim da visita era duplo: levar todas as filiadas ao conhecimento de «Belém» e dar a uma das graduadas oportunidade de colher elementos para elaborar um trabalho sobre a Obra, o qual constituirá prova de exame para subida de posto.

Este interesse da gente moça pelos problemas inerentes a obras deste género, é sinal de que caminhamos para um mundo melhor. Pela minha parte, espero confiadamente que, daqui a uns anos, quando eu tiver de ficar aí para um canto, à espera que me calcem os chinelos ou o Pai do Céu me quiser chamar a Si, não faltarão doações de vidas a «Belém». Doações totais e incondicionais de almas que só procurem a maior glória de Deus e a salvação das pobres sem amparo, pois só essas poderão garantir o futuro da Obra.

x x x

O nosso conterrâneo Senhor Tomás Lima, que trouxe do Rio de Janeiro nada menos de 300

pares de sapatos para calçar os meninos pobres, destinou 40 pares às belenitas. Ofereceram-lhes ainda um passeio de camioneta a local aprazível, nas margens do Vouga. Esposa e filha prepararam e serviram uma apetitosa merenda às pequenas, que andavam radiantes. O areal era vasto, a água límpida. Elas, de pés descalços e saias arregaçadas, chapinavam à vontade. Seguiram-se lindos jogos, ensinados por uma amiga da Teresinha, com competições e prémios.

Um dos que mais as entusiasinou foi a corrida de sacos. À tardinha, chegaram a casa todas alegres, de prémios na mão e contaram, contaram...

x x x

As 16 belenitas que frequentaram as aulas acabam de fazer as suas provas de passagem de classe e 15 delas estão de parabéns.

Só a Madalena, que frequentava a 3.ª, não passou de classe. Ela tem inteligência bastante, mas é muito preguiçosa e desobediente. Na escola, na cozinha, na costura ou em outro trabalho, a sua preocupação é sempre

AGORA

... é tempo de Procições. É a do Corpo de Deus — a primeira de todas porque é Ele, na Presença Real da Eucaristia, o objecto imediato do nosso culto. São as em honra de N. Senhora, mais dos oragos de tantas e tantas festas que enchem os domingos, de Norte a Sul, de Leste a Oeste. Ainda há pouco foi a das Rogações, com a benção dos campos. AGORA é esta Procição de Caridade, sempre oportuna, sempre em tempo próprio, porque resposta nossa à constante Misericórdia de Deus para conosco.

O pendão dos trabalhadores hoje representado apenas pelo Pessoal da Panificação (mas em presença dupla), juntou-se lado a lado aos dos que concorrem para uma mesma casa, grupo também pouco numeroso: 50\$ para a Casa de N. S.ª de Lurdes. Da Vermelha, para a Casa dos Professores Primários, o mesmo; e 2.000\$ para a Casa de um curso da Marinha; e dos Olivais 265\$ para a Casa dos Seminários.

Logo a seguir vêm os eventuais: Assinante 5917 com 200\$ de mensalidade e o avião: «Não marco destino especial, como sempre tenho feito desde que me impus a obrigação de a cuviar.

Qualquer que seja a aplicação, será sempre do meu gosto. Posso Deus ajudar-me para que eu mantenha sempre esta obrigação, que continuarei, enquanto puder, embora deixem de existir os motivos que me levaram a criá-la. Seria essa uma das maiores ambições da minha vida, que esta pequena dádiva constituisse uma acção de graças pelas melhoras e o amparo que agora tanto peço para os meus irmãos.

Não lhe tomo mais tempo. Deus o acompanhe sempre e a todos os componentes da Obra, é a única coisa que consigo dizer-lhe, do muito que me enche o coração e não consigo pôr em palavras, não sei se por dificuldade de expressão se por (conforme receio) falta de profundidade no sentir.

Ora aqui está uma generosidade plenamente livre. Como Pai Américo gostava deste dar, sem restrições! Como gostamos, também!

Pois este mês os 200\$ foram para o Património. O mês seguinte pró Calvário... e irá correndo a roda das obras da Obra da Rua. Assim pede outra pessoa do Porto, que manda 50\$00 mensais.

Mais três migalhas de 50\$, de Famalicão, da Beira, de Boticas. E uma de 40\$ de M. L. R. E três

vezes 20\$ de alguém do Pequeno Louvre.

Agora é o grupo das casas a prestações. Este pode rarear um nadinha, mas não falha nunca, em bom número.

Casa de S. Carlos, 20\$. Mil para a Casa de N. Senhora de Fátima, «por ter feito exame com aprovação». O assinante 6790 com a 52.ª prestação: «Apesar da minha constância, pouco mais dei que 1/4 do total. Espero em Deus que me será possível prosseguir com a costumada regularidade.

Ora é esta constância que dá tempero a estas presenças.

O do plano decenal: E a 29.ª da Casa Avó Ema. Mais 100\$ para a Casa Fé em Deus, da Mãe que cre em Deus.

O Casal-assinante de Aveiro, fica na 20.ª. Mondrões está na 7.ª Cruz da sua «Via-Sacra», «rogando se dignem implorar a graça de que necessito para atingir a meta: o Calvário». Duas vezes presente a mãe do António e do João que soma já 5.400\$. Mais mil pró «Casal Maria José». «Uma mãe amargurada» aparece com 40\$ por Abril e Maio e este desabafo: «Penso às vezes se, com tão pequena migalha chegarei algum dia a fim! Deus o sabe. Será com Ele quiser».

Ora aí está! Sendo como J e

esta: descobrir qualquer processo de fugir à obrigação e inventar qualquer coisa em que perca o tempo. Vamos a ver se ela procura tornar-se mais cumpridora, para que no próximo ano se possam escrever aqui, coisas mais agradáveis a seu respeito. A Cilita, que passou da 2.ª a 3.ª, também é muito parecida com a Madalena e, se não se emendar, para o ano não conseguirá passagem de classe.

Parabéns, pois, a todas as que os mereceram, mas especialmente à Sãozita e à Lindita que foram matriculadas com 6 anos e já se encontram na 2.ª classe.

x x x

Agora atemos o feixe com um fiozinho de esperança de que já a célebre fotografia a que me referi duas vezes e que devia ter sido dada à estampa no último número, apareça ao menos agora.

x x x

Passemos à nota das presenças à Obra. Por intermédio do Senhor Padre José Maria, recebi o total de donativos depositados no Montepio para «Belém»: 10 contos de Alfacinha, a que já há tempos me referi, 50\$ de Maria de Lurdes, 20 de M. A. S., 30 de Maria Helena, 130 de Ilda Gamboa, 100, mais 500, mais 250 de anónimos. Maria das Termas de Monfortinho, 50. Da Beira, 100 de Maria Emilia. Uma cristã de S. Pedro do Sul envia 100. Das alunas da M. P. F. do Liceu de Viseu 120, mais 100. Senhora de Viseu entregou roupas de criança. Outra encomenda de roupa de Leopoldville, mais um relógio de pulso, por Irene Mónica. Também de Leopoldville enviou Luis Rajão 470\$. Uma serrana de Celorico da Beira comparece com 100. O anónimo de todas as horas volta com duas de 20\$ e uma grande carta. Deus lhe pague e converta seus pais. As belenitas rezarão. Mais 50 de Maria Amélia de Lisboa.

Duma amiguinha, 10\$. Mais caixões e azeite.. A Clarinha volta com 10 e mais 50 recolhidos em migalhas que fazem pão. Pelo Caminho de Ferro chegaram 2 caixas cheias de retalhos e amostras. Boa ideia! Atenção, senhores comerciantes! Vamos fazer lindas colchas de retalhos à moda cá da Beira! Quem tem mais amostras para mandar? De M.L. 20\$. Por intermédio de D. Alice Cruz, o Externato Nacional de Moscovide enviou 100\$. E aqui estão as contribuições de Maio e Junho de Maria Cecília e seu marido. De Gaia, 20 de F.C., 50 do assinante 3117. Por intermédio de Júlio Mendes, 500. De Maria F., 100. Outros 100, de Avelino José. 20 duma amiga da Casa de Belém. 40 por alma de Ana. E, finalmente, 10 contos de um Visiense, entregues em Belém, por intermédio do nosso Pároco. Bem hajam.

Inês — Belém — Viseu



Galinha, pintainhos, perua, «elas», a frondosa verdura, Belém!

Carta do Júlio

Estamos no começo da nossa peregrinação — Luanda.

À chegada ao Aeroporto, quase todos os nossos companheiros que ora labutam por estas terras portuguesas, aguardavam ansiosamente o abraço forte e quente que trazemos da Metrópole. Enquanto o Senhor Padre Carlos atendia um repórter e eu levantava as malas na Alfândega, já o Amadeu Fino erguia os braços e chamava incessantemente por nós!

Assim como em 52, deu-me a impressão de que os nossos Amigos de Luanda são muito ocupados! No Aeroporto poucos apareceram. Mas estavam os nossos rapazes e é sobretudo por eles que nós aqui estamos.

Na Metrópole, disseram-me que ia notar Luanda muito diferente, muito desenvolvida. De facto, assim é. Em oito anos a cidade cresceu. Modernizou-se. Modernizou-se até demais. Ora o dinheiro gasto aqui, nos arranha-céus empregado no que é preciso e indispensável fazer por toda esta Província imensa não valeria, não renderia infinitamente mais? Enfim. Os homens amam a grandeza e só nela e por ela vivem.

Mas vamos falar do que aqui nos trouxe — os nossos rapazes, nossos colegas. Amadeu Fino que viajou comigo e com Pai Américo, há oito anos, no «Quanza», com destino à «Bricon», como carpinteiro, é hoje oficial de diligências no Tribunal de Menores, do Trabalho e Execução de Penas.

De visita à repartição onde trabalha, eu pude ver quanto é estimado e como o seu porte diz tão bem da nossa Obra. Isto é que é preciso. Isto era o que entusiasmava o Governador em exercício, durante a nossa estadia aqui em 1952, e agora notámos o mesmo entusiasmo, o mesmo amor pelos nossos rapazes, do Governador que actualmente preside aos destinos da Província de Angola.

O Fernando Bártolo, tractorista, também tem dado, como todos aliás, muitíssimo boa conta. O Fernando Inácio regressou ao A. B. C., um diário de Luanda. O Carlos Alberto é, agora, desenhador na Câmara.

A malta que foi do Lar do Ex-Pupilo está, também, a singrar de cabeça erguida e com resultados frutuozos. O César é Tesoureiro da Imprensa Nacional. O Herculano Duarte continua na Junta do Algodão. E o Chico na Bricon.

Graças a Deus pelo caminho trilhado por toda a nossa malta! Os que estão são alicerces. E os mais que hão-de vir, devem continuar a mesma rota — a bem da nossa Obra e da nossa querida Pátria.

Júlio Mendes

quiser, pode ter a certeza de que já a sua intenção cortou a meta. Duas «contribuições mensais» da R. Filipe Simões — Coimbra. Porto Alexandre envia a 3.ª de 500\$ para o Lar da Graça. «Alfacinha» manda, entre muitas outras dádivas, 15 contos para a Casa das três Marias. Com este nome, que me lembre, já é a segunda casa.

Mais 250\$ para a 2.ª Casa de N. S.ª da Expectação. A 1.ª está à espera de vez, para ver colocada no alvário a sua placa.

A Casa Nossa Paz termina com uma bolada de 4.000\$. Mas os dadores prometem mais 3.000\$ para o mobiliário e pedem «o favor de informar da localidade onde a mesma casa foi, cu vai ser construída, para, se um dia lá passarmos, sentirmos a nossa paz de termos socorrido um irmão nosso e o sabermos também gozando a paz de um tecto acolhedor».

Ó bem aventurada ambição!

Mais mil, a juntar à dúzia para ir completando a Casa de Minha Mãe. E querem ouvir mais doutrina nesta tribuna de pregaçãoes?...

«Nem podem calcular a satisfação que sinto por ter podido fazer o que Ela sempre desejou — contribuir para uma casa do Património dos Pobres. O Senhor levou-me e deu-me a mim o encargo de o fazer por Ela. Começo agora eu e com a Sua ajuda hei-de chegar pelo menos a outras doze pedras iguais.

E nunca pensei que fosse tão fácil pôr assim de parte uma pedra cada mês.

Nem arrecadado nem mal gasto. Graças a Deus!

Que o Senhor vos proteja a todos e me ajude a mim a segui-Lo.

Assinante 2164».

Mil para a Casa Nascimento, 2.300\$, da Venezuela «para juntar às prestações da Casa Nossa Senhora da Boa Nova».

2.ª prestação de mil «para a 3.ª casa. — Nota: Oportunamente indicaremos um nome para esta casa». Ai quem me dera ir conhecer esta feliz família, ainda antes de ir para Africa!

E só mais esta:

«Aqui junto mais uma pedrinha para a casa do «Ti Joaquim...»

Estou ansiosa por que comecem as obras da dita casinha e gostava de saber qual é a base para o início da construção. Eu própria vou também ter, com a ajuda de Deus, uma casa mas não quero que esta obra principie antes da casinha do «Ti Joaquim» estar a erguer-se.

Quero também dizer que estive presente no Império. Foi uma linda festa que me deixou muito cheia. Do que mais gostei, é difícil dizer pois foi de tudo mas, mesmo assim, os «batatinhas» tocaram cá uma molazinha oculta.

É que eu também, que sou casada quase há três anos, gostava de ter um batatinha...!

Não desanimo facilmente e, acima de tudo, faça-se a vontade do Senhor que a vida continua sem a minha fraca colaboração. Espero calmamente mas não espero parada».

Ó livro de espiritualidade da Confiança Providencial, da Es-

perança Activa, que tu és, famoso «Gaiato»! — Quem pode resistir e não te amar, quem?!

VARANDA de Beire

Eles são da rua. Becos e esquinas, ruas e ruelas tudo lhes é familiar. Sem pais, sem família percorrem todos os meandros da vadiagem e aprendem o mal que lhes mata a inocência e atrofia a virtude.

Contudo, se a nostalgia de um lar é natural a todo o homem, estes, porque na plena floração da vida e sem o aconhego do lar, muito mais sentem essa falta. Em noites de sobresalto, dormindo nos vãos de escada e nos bancos dos jardins eles sonham com uma casinha onde os espera cama fofa e coração amigo.

Ora, o sonho é realidade palpável na Casa do Gaiato das ruas de Portugal. Oriundos de todos os recantos da Pátria, desde o Minho ao Algarve, entram na casa que é deles, por porta que lhes está franqueada e permanentemente aberta. Têm aqui o seu lar, a casa-mãe que hão-de recordar pela vida fora. Nella encontram os amigos, com história idêntica e desditosa, que vão ser doravante a sua nova família.

Tudo aqui é deles e para eles. — Eh! pá! Isto é tudo prá gente? — É, sim. Tudo pra nós! O recém chegado estranha a abundância a que não está afeito; as portas abertas, o à vontade. Desconfia, teme; mas habitua-se e acaba por se encontrar na casa própria que vai passar a estimar.

Nos primeiros dias é de novo, e goza licença de tudo observar. Lança o olhar sobre os campos, as sementeiras, o pomar. Percorre as instalações agrícolas. Aqui, são as vacas, os bois, o rebanho, a possiça, a moagem, a padaria.

Sobe às camaratas onde o espera o leito de lavado e macio. Desce à cozinha, onde um da sua igualha tempera o caldo e prepara a refeição. O sonho acalentado por tanto tempo realiza-se, aos poucos, a seus olhos incrédulos. As horas de fome provocaram o apetite mais radicado para este manjar saboroso que rescece pela casa toda. O momento delicioso chegou enfim. A mesa está posta; a malta acerca-se tranquila e confiante, pois tudo é à deserição. O momento é singular e sobremaneira deliciosa a contemplação do espectáculo.

Também a distração faz parte integrante da vida da casa. Os arcos rodam, a bola rebola e o rapaz, que chega de novo, some-se então no meio dos outros. A alegria frenética estreita-os, irmana-os.

Na base do futuro do rapaz está o ensino e o trabalho. Por caminhos diversos e consoante a capacidade, cada um toma o seu posto. Enquanto uns aprendem as letras e cultivam o espírito; outros entram no trabalho que preferiram. Respeita-se a liberdade. Não há constrangimento. As escolas e as oficinas são um complemento preciso e indispensável numa obra de integração dos deserdados na sociedade, que os repeliu.

Por isso, aqui tudo está ordenado a que o rapaz possa sair da Casa em condições normais para constituir o seu lar e viver para si mesmo.

A Casa do Gaiato é essencialmente uma comunidade. É MÃE. Os da rua os seus filhos dilectos. As leis que regulam a vida deste rebanho são baseadas no Evangelho. Não há métodos, nem sistemas, nem regras. Há a intuição. E na base de tudo o amor. A disciplina rígida é substituída pelo à vontade. O castigo severo pela palavra amiga e até pela recompensa a quem lealmente se acusa. Sendo autêntica comunidade, nenhum rapaz é estranho na casa. Estão no lar que lhes pertence. Por isso, zelam-no como coisa própria. Chamam as coisas como sendo deles, porque realmente o são. Há a responsabilidade assumida. São os rapazes mais zelosos, os chefes, quem dirige a comunidade. Os restantes deixam-se orientar e colaboram. Em todos os lugares eles marcam presença. Cada qual tem sua obrigação. Não se chama o estranho para os trabalhos que podem ser desempenhados por eles. É obra deles, por eles e para eles. Nasceu neste espírito e nele prossegue para continuar a ser ninho suspirado e acolhedor dos abandonados.

Ora, tudo isto é a doutrina das Casas do Gaiato, e por consequência, a desta de Beire. Mas, enquanto que todos acodem



Junto foto do Zézito para que o mundo saiba quem são os meus amores.



A um de Julho Setúbal fez cinco anos. Avenidas rasgadas, um lago coalhado de peixes e um pomar viçoso. Crianças que correm felizes no que é seu.



SETUBAL

A Cruz mais pesada do «padre da Rua» é a inerente à sua missão de educador.

Sé é verdade que a Obra da Rua tem processos e moldes para reabilitar o rapaz da rua e as Casas do Gaiato são hoje a grande novidade e, sem dúvida, a mais segura para guiar os transviados pelo abandono, também é certo, que, se dentro delas houver quem agarre com coragem e amor uma cruz dilacerante, jamais se colherá o fruto que a sociedade delas espera. O problema das necessidades vitais, embora aos olhos de muita gente seja para nós o mais aflitivo, fica para um plano muito secundário, quando se nos apresenta o das necessidades espirituais.

A idade dos 16, 17 e 18 anos com as suas crises profundas de independência e castidade, perturbadoras do equilíbrio do rapaz traz-lhe, se não nos precatamos, o resfriamento do amor que nos tinha e, lógicamente, o seu afastamento.

O rapaz convence-se que não o amamos e que desejamos e procuramos o seu mal, que o perseguimos e daí as vozes de revolta se não exteriores, pelo menos íntimas. A via mais dolorosa está no descobrimento dos processos adaptáveis a cada rapaz e a cada ocasião.

Pai Américo chamava a alguns rapazes os **martirizados** e com muitíssima razão. Eles às vezes são uns verdadeiros mártires mas nunca o são sôzinhos. As chamadas, os conselhos, as exortações, os pedidos, o amparo, o desprezo temporário e o próprio castigo físico antes de

para ver como as coisas são nas outras, nesta de Beire não se avista ninguém. Talvez, porque sumida sob as verdes ramadas do Norte, seja mais difícil atinar com ela. É de facto a mais esquecida. Não goza dos privilégios das mais. Não é o dinheiro que interessa. O dinheiro não educa, nem forma homens: deforma-os. É que ele não vem aqui ninguém. E estes rapazes precisam da certeza de que são alvo de amizade e interesse. Anseiam por mãos que os saudem e ajudem. Demais um deles não as tem, o Zézito de Évora.

Ora então: Casa do Gaiato de Beire — Paredes.

entrarem no espírito do rapaz foram primeiro amadurecidos na alma do padre que tudo sente. Quando é iminente a urgência de um castigo físico forte, vimo-nos por vezes, obrigados a dividi-lo por dois se queremos dele algum fruto.

A grande tática nesta idade e o segredo da vitória neste período a que alguns pedagogos chamam de irresponsabilidade ou de responsabilidade limitada é que os rapazes nunca percam a noção da nossa amizade por eles. Eles são para nós, depois de Cristo, os primeiros amores. Quanto mais afastados, ou mais doentes tanto mais perto do nosso coração.

Enquanto tivermos dados certos para avaliar a sua amizade por nós como retribuição do amor que lhes dedicamos, embora atribulados, não desanimamos.

O amor e a crença no amor são o único meio de segurar e encaminhar os homens. Os rapazes não fazem excepção embora com eles os caminhos sejam mais árduos.

Seguimos neste ponto o exemplo de Cristo. Amar e mostrar amor foi a grande rede com que pescou os homens. É contudo, o mais difícil e, talvez por isso tantas vezes, o mais esquecido.

Padre Acílio



MIRANDA DO CORVO

Pela primeira vez que escrevo para este famoso jornal não se admirarem de isto ir um pouco mal escrito. Agora em nossa casa andamos preocupados com a faina agrícola de achar e arrendar milho, regá-lo como o feijão também e agora vem a colheita da batata. Já se cortou o trigo e o centeio e aveia e já está quase tudo pronto.

A nossa casa é a mais antiga da Obra da Rua, por isso lhe chamamos a Casa-Mãe. Com respeito ao gado também temos algum: bois, porcos, vacas. Bois temos seis, porcos temos nove e só temos uma vaca porque as outras foram vendidas há pouco tempo. Este ano temos bastante fruta nas ameixieiras, pessegueiros, pereiras abrunheiros, por isso não nos falta

que comer e haja saúde para cultivar as terras. Estamos agora na época dos exames; eu, Zeca e Russo fizemos como adultos no dia 8 de Junho e ficamos todos bem. Os da primeira e segunda e terceira classe também já fizeram passagem e ficaram bem; agora são os da quarta a fazer exame. Deus queira que fiquem todos bem. Hoje, dia de S. João estamos a malhar o centeio; nunca nos falta que fazer, pouco ou muito temos sempre.

Eu estive três anos no Sanatório Marítimo do Outão com uma osteomielite, isto é, tuberculose nos ossos da perna. Agora já estou quase bom graças a Deus. Lá tratam-nos muito bem e as Irmãs são muito boas para nós. Quando de lá saímos até trazemos muitas saudades, apesar das dores que lá sofremos. Escolhi o ofício de sapateiro, já ando a aprender. Sou também o chefe da limpeza das casas.

O Zeca escolheu a arte de carpinteiro e já está na oficina. O Russo quer ser serralheiro e já sabe andar com a roupa suja, pois do ofício ainda não percebe nada. O Russo é agora um dos melhores vendedores. Vende em Coimbra, em Castelo Branco, Covilhã, Fundão, Lousã e no Verão na Figueira. Ele gosta muito daquela vida e os senhores e as senhoras também gostam muito dele. O companheiro do Russo é o Grilito. Agora andam ao desafio a ver quem ganha a camisola amarela. Vamos lá ver, mas o Russo tem muitas peneiras.

Padre Baptista

João Fernandes